

A TÉCNICA COMO FORMA E EFETUAR EM ERNST CASSIRER

Leticia Rolim de Souza¹

RESUMO: Neste artigo pretende-se expor a visão de Cassirer sobre a essência da técnica como um efetuar, ao invés de um mero objeto. Para responder as críticas à técnica moderna e a hipótese de que ela possa criar um reino de fins próprio, Cassirer situa a técnica entre as formas simbólicas e demonstra seu caráter de forma e efetuar técnico como um meio de alcançar a autolibertação humana. Desse modo, nosso objetivo é explicitar como o autor, por meio da filosofia, apreende a essência e a condição de possibilidade do efetuar técnico, notando sua causalidade e o aspecto de autoconsciência e autolibertação humana.

Palavras-chave: Cassirer; Técnica; Formas Simbólicas; Efetuar; Autolibertação.

TECHNIQUE AS FORM AND EFFECTUATE IN ERNST CASSIRER

ABSTRACT: This paper intends to expose Ernst Cassirer's view on the essence of technique as an effectuate, rather than a mere object. To answer the criticism of modern technique and the hypothesis that it can create its own realm of ends, Cassirer situates technique among symbolic forms and demonstrates its character as a technical form and effectuate as a means of achieving human self-liberation. Thus, our goal is to explain how the author, through philosophy, apprehends the essence and the condition of possibility of the technical effectuate, noting its causality and the aspect of human self-consciousness and self-liberation.

Keywords: Cassirer; Technique; Symbolic Forms; Effectuate; Self-Liberation.

1. INTRODUÇÃO

Cassirer expõe em sua obra o problema de encarar a técnica moderna como a razão para a falta de liberdade e a escravidão em que o homem é cada vez mais enredado, colocando-a sob um juízo moral condenatório e consequentemente incluindo a totalidade da cultura espiritual, não só a técnica. Tal postura se dá, segundo o autor, quando são buscados valores ou o próprio conteúdo da técnica, no lugar de buscar verdadeiramente a

¹ Mestranda em Filosofia da Tecnologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: leticiarolim_souza@hotmail.com.

sua essência. O que Cassirer propõe é que nos ocupemos primeiramente em compreender a técnica não como um instrumento – seja ele pertencente à técnica primitiva ou a mais moderna –, mas sim como um efetuar², para que se compreenda de fato o que é a técnica e, ainda, o que pode leva-la a um caminho contrário àquele da autolibertação do humano, sendo o último a proposta original, segundo o autor, a ser realizada pela técnica.

Buscaremos expor como é possível compreender a técnica como um modo de efetuar, no lugar de um mero instrumento ou obra técnica. Para tanto, mobilizaremos primeiro a noção de formas simbólicas, de modo a situar a técnica entre elas e compreender qual a sua tendência espiritual. Em seguida, elucidaremos a técnica não pelo seu sentido, mas sim por sua essência, de modo a caracterizá-la não como simples instrumento ou obra técnica, mas sim como uma forma simbólica, capaz de trazer à tona um outro tipo de relação com a natureza, com a causalidade, com os fins e com a vontade e o desejo, resultando em uma objetividade própria da técnica e de seu impulso formador. Ainda, observaremos as aproximações e diferenciações que o autor fomenta entre a técnica, a linguagem, a magia e a ciência, pois servirão de apoio para que se compreenda a exteriorização própria da técnica, não como simples objeto, mas como impulso formador. Por fim, exporemos quais são, na visão do autor, os problemas da técnica moderna, e de que maneira é possível contorná-los para que se efetive a autolibertação do humano como real missão da técnica.

Para representar os diversos modos pelas quais o mundo se mostra, Cassirer recupera um ideal kantiano³ através da noção de formas simbólicas: segundo Ferreira

² Optamos pelo uso da palavra “efetuar” para seguir à risca a tradução brasileira de Alexandre Ferreira (2022) do original alemão, fazendo-se referência à palavra *Wirken* (efetuar, operar, atuar) utilizada pelo autor. Tal tradução consta em nossas referências bibliográficas.

³ Sobre a relação entre a filosofia de Cassirer e o Idealismo Kantiano, pode-se notar no trecho abaixo um pouco de sua reformulação perpassando pela filosofia kantiana no vol. 4 de “A filosofia das formas simbólicas”, mais precisamente pela noção de objetividade e de totalidade da percepção. Cassirer procura criar, então, uma crítica da cultura: “A crítica da razão transforma-se, assim, em crítica da cultura. Ela procura compreender e provar como todo conteúdo cultural, na medida em que seja algo mais do que simples conteúdo isolado, e conquanto esteja baseado em um princípio formal universal, pressupõe um

(2020), é a partir das múltiplas formas de manifestação cultural – o mito, a arte, a ciência, a religião e a técnica – que as coisas do mundo se mostram, não como alegorias, mas como se cada forma simbólica fosse dotada de um mundo significativo. Tais formas interagem entre si no domínio do espírito de modo dinâmico, ora opondo-se uma a outra, ora afirmando-se, e quando novas formas aparecem, é como se houvesse um alargamento no horizonte espiritual, expandindo para fora e promovendo uma mudança no próprio modo de ver.

Aqui a comunidade nunca é estático-espacial, mas sim de uma espécie dinâmica: um elemento é “com” o outro apenas pelo fato de ambos se afirmarem opondo-se e, nessa reação mútua (*Gegenwirkung*), se confrontarem de modo crescente. Cada elemento novo que adentra não apenas amplia a extensão do horizonte espiritual na qual essa confrontação se desenrola, mas também muda o modo mesmo do ver. (CASSIRER, 2022, p. 4)

Para dar início ao problema da técnica, Cassirer afirma que, em seu edifício teórico, a filosofia moderna tem reservado até então como que um espaço-agregado à técnica, devendo, ao contrário, buscar questionar a condição de possibilidade da técnica, isto é, do efetuar e do formar técnicos. Somente assim é possível que a filosofia mantenha seu papel de representar a consciência lógica da cultura, pois passará a questionar a condição de possibilidade não só da linguagem, da arte e do conhecimento teórico – formas simbólicas capazes de, cada uma a seu modo e em um confronto crescente, trazer mundos de significados –, mas também da técnica, vista a partir de então também como forma simbólica, mas sob um princípio diferente daquele das obras técnicas.

Assim, não basta que a filosofia moderna tenha passado, cada vez mais, a arrumar um “espaço” para técnica no todo de seu edifício teórico. Um espaço assim forjado, ao contrário de um verdadeiro espaço-sistema, permanecerá para sempre um espaço-agregado. Se a filosofia quiser permanecer fiel à sua missão, se ela quiser afirmar sua prerrogativa de representar, em certa medida, a consciência lógica da cultura, então – assim como ela pergunta pela “condição de possibilidade” do conhecimento teórico, da linguagem, da arte – ela também deve perguntar pela “condição de possibilidade” do efetuar e do formar técnicos. (CASSIRER, 2022, p. 4)

ato primordial do espírito. Somente aqui a tese fundamental do idealismo encontra a sua confirmação plena” (CASSIRER, p. 22, 2001).

Segundo Príncipe (2017), a investigação pela condição de possibilidade de uma determinada forma ou formação é a atividade da filosofia frente à cultura, pois se pretende compreendê-la (a cultura) não por sua diversidade de objetos, mas sim por seus processos ou funções de objetivação, suas condições de possibilidade. Identificar as condições de possibilidade no âmbito da cultura é o mesmo que identificar as funções primordiais do espírito e suas energias. Tal busca pelas condições de possibilidade será aplicada também à técnica, para que se compreenda sua essência a partir do efetuar e formar técnicos.

2. A OBRA TÉCNICA E O EFETUAR E FORMAR TÉCNICO

Neste momento, trata-se de expor a diferença entre o que é a obra técnica e o que é o efetuar e o formar técnicos. A obra técnica não abarca o domínio do espírito, pois se trata de um mero efeito ou produto do que se entende por técnica. A obra técnica é aquilo que Cassirer denomina como forma formata, o ter sido, aquilo que já está pronto e não se põe como forma simbólica para o espírito. O efetuar e o formar técnicos, por sua vez, são a forma formans, o princípio do tornar-se, aquilo que abre a possibilidade de uma nova concepção de natureza, de causalidade, de fins, de vontade e de desejo perante o real por meio de sua objetividade própria. Tal efetuar técnico se aproxima da linguagem, da magia e do conhecimento teórico, mas diferencia-se especialmente no que diz respeito ao modo como se relaciona com a vontade e o desejo, a natureza e os fins. Mesmo assim, como qualquer forma simbólica, compartilha de um fim mesmo: a autolibertação do humano.

Mas esse esclarecimento não poderá ser alcançado enquanto a consideração permanecer no campo das obras técnicas e na região do efetuar e do produzir. O mundo da técnica permanece mudo enquanto for considerado e questionado a partir do desse ponto de vista – ele apenas começa a se abrir e entregar seus segredos quando, aqui também, retornarmos da forma formata para a forma formans, do ter sido, para o princípio do tornar-se. (CASSIRER, 2022, p. 4)

É preciso notar que o objetivo do autor se circunscreve na busca pela essência da técnica, tendo-a como uma forma simbólica que oferece uma visão objetiva sobre o mundo. Não há aqui espaço para pensa-la por meio de seus resultados e efeitos, nem mesmo atribuir a ela valores ao medir, por meio de dádivas ou sacrifícios, o que ela

propõe, mas sim compreender de que modo se põe a técnica como um tornar-se, um novo modo de ver o mundo, a natureza e suas leis, e uma nova forma de interação com as vontades e o desejo, trazendo outro modo de alcançar o reino dos fins.

Para tanto, a essência da técnica é aqui buscada em contraponto a busca por seu sentido. Isto significa que não se busca na obra de Cassirer o sentido da técnica, pois, assim como demonstrou Kant, o sentido e o valor podem se confundir quando se investigam os fenômenos espirituais, perdendo-se o significado da essência do que se busca investigar. Ao contrário, a busca pela essência da técnica perpassará pela comparação com aquilo que há de semelhante e diferente no mito, na linguagem e na ciência, delineando aos poucos o que entendemos por técnica para o autor.

Apenas a filosofia do Idealismo Alemão trouxe aqui uma mudança decisiva; apenas ela elaborou a “pergunta pela essência” em sua acuidade e pureza e a despreendeu do adorno da felicidade e da pergunta pelo “aperfeiçoamento moral”. [...] Abençoe-se ou amaldiçoe-se a técnica – exalte-se como o mais elevado patrimônio de nossa época ou acuse-a de ser sua penúria e perdição – nesses juízos sempre se costuma aplicar a ela uma medida que não provém dela mesma; sempre, seja consciente ou inconscientemente, submetem-na a fins que ela desconhece em sua pura vontade e força formadoras. Assim, o juízo autêntico sobre ela pode só ser conquistado a partir dela mesma, a partir da visualização da lei imanente que lhe é inerente. (CASSIRER, 2022, p. 7)

Ainda, para que não nos deparemos com o juízo de valor sobre a técnica antes de compreender sua essência, é necessário determinar seu “ser” e “ser-assim”. Isto porque, como afirma o autor, o “ser” da técnica só se deixa apresentar em atividade. É em seu tornar-se – forma formans –, seu devir pertencente ao processo e impulso formador que somos capazes de entender sua essência. É somente por meio da busca pelo modo e pela direção da própria exteriorização que podemos compreender a essência e, além disso, a relação entre a técnica e as outras potências do espírito, pois nela subsiste somente o que há de formal e de princípio. Seguir o caminho contrário, ou seja, buscar pelos resultados e produtos da técnica, pelo ter-sido – forma formata –, faz com que permaneçamos no âmbito do produto morto, dos valores e da busca pela felicidade humana, a exteriorização meramente subjetiva, sem compreender de fato a essência da técnica, sua forma objetiva-própria.

A determinação do “ser” e “ser-assim”, a intuição daquilo que a técnica é, deve preceder o juízo sobre seu valor. E aqui claramente parece surgir um novo dilema: pois, o “ser” da técnica não se deixa apreender e apresentar, senão em sua atividade (Tätigkeit); Ele surge apenas em sua função; ele não consiste naquilo que a técnica exteriormente aparenta [49] e nem naquilo que ela externamente dá, mas antes no modo e na direção da própria exteriorização: no impulso formador (Gestaltungsdrang) e no processo formador, a partir dos quais essa exteriorização se anuncia. Com isso, aqui o ser apenas se torna visível no devir e a obra na energia. (CASSIRER, 2022, p. 8)

A partir da comparação entre a técnica e a linguagem, Cassirer concebe a técnica não como meio de descrição ou exposição da realidade, mas como um meio de apoderar-se a partir da configuração de mundo. A “forma” do mundo não é simplesmente aceita pelo humano, mas antes é conquistada uma “imagem” espiritual da realidade, tanto no caso da linguagem quanto da técnica. É a partir da força do Logos, própria do humano, que se descobre um ser racional e um ser técnico: tanto na ligação indissolúvel entre o pensar – razão – e o falar – linguagem – quanto na ligação entre o pensar – razão – e o fazer – técnica – há a raiz do formar configurador e, em especial, um ato de criação do mundo, onde mora a noção de autolibertação do homem por meio da distinta condição de possibilidade instaurada pela técnica.

É nesse ponto que passamos a uma comparação entre a magia e a técnica para que se possa compreender qual condição de possibilidade é aberta pelo efetuar técnico, mobilizando a ideia de fins e de vontade e desejo.

3. ENTRE A MAGIA E A TÉCNICA

Mais uma vez notamos aqui a diferenciação entre a visão da técnica como meros materiais ou instrumentos que propõem apenas mudanças quantitativas e a visão da técnica pelo viés do espírito e da forma. A técnica e o uso de qualquer ferramenta, da mais primitiva a mais moderna, não pode ser vista apenas como a manifestação e abertura de novos bens materiais para o espírito. Não é somente aí que se encontra a sua condição de possibilidade, pois a conquista da “forma” proporciona uma expansão do próprio efetivar, uma transformação interna e uma mudança de sentido, para além da mera

mudança e expansão quantitativa de bens materiais nos quais a vontade humana submete sua esfera de poder, superando barreiras espaciais e temporais que antes se limitavam somente à esfera de seu corpo humano. Pertence ao efetivar da técnica o ato de criação do mundo, criando constante transformação e mudança de sentido, provocando assim uma expansão qualitativa do próprio formar configurador técnico, além da expansão material e quantitativa da realidade efetiva por meio dos bens materiais.

Também aqui, o autêntico e mais profundo ganho está na conquista da “forma”: no fato de que a expansão do efetivar altera, ao mesmo tempo, seu sentido qualitativo, e, com isso, cria a possibilidade de um novo aspecto do mundo. Em última instância, o efetivar deveria se mostrar impotente, sem finalidade intrínseca e débil em sua ampliação e crescimento constantes, se nele ao mesmo tempo não se preparasse e constantemente se realizasse uma transformação interna, uma mudança de sentido. Na exibição dessa mudança de sentido repousa aquilo que a filosofia pode fazer pela técnica, para sua compreensão e, ao mesmo tempo, para sua legitimação espiritual. (CASSIRER, 2022, p. 11)

Para compreender a particularidade dos fins e a causalidade, o autor diferencia a magia da técnica, o homem mágico do homem técnico. Nessa comparação, que mobiliza ainda a passagem da religião para a magia e para a ciência, é que encontramos ligeiramente aproximada a maneira com que ambas, magia e técnica, colocam as leis da natureza, a causalidade, a relação entre subjetivo e objetivo e a relação entre os fins, a vontade e o desejo. Porém, temos nessa etapa uma explanação importante para que se compreenda qual a crucial diferença entre a magia a técnica, aproximadas pelo modo de compreender a causalidade e a realidade efetiva sem passividade, própria da religião, mas separadas entre si – magia e técnica – por um modo de antecipar e “subjetivar” a realidade, próprio da magia, frente ao distanciamento dos fins e de outro modo da vontade, apresentado pela técnica.

A magia, para Cassirer (2022), se diferencia da religião porque não há mais um comportamento passivo em relação à natureza, onde o humano simplesmente se submete à impressão das coisas e concebe o mundo como uma mera dádiva de poderes divinos superiores. No lugar, há para o homem mágico uma postura de tomar posse do mundo

por meio da noção de causa e efeito, assim como a ciência o faz. Tanto no âmbito da magia quanto no âmbito da ciência há a noção de que causas semelhantes geram efeitos semelhantes, porém, a magia possui resultados e procedimentos menos precisos que a ciência, mesmo que operem pelo mesmo princípio. Ainda assim, segundo Ferreira (2020), ambas buscam compreender as leis causais presentes na natureza, buscando dominá-la por determinados procedimentos, próprios a cada uma.

A diferença entre a noção de causa e efeito própria da magia e a noção de causalidade da técnica é que a magia é limitada pela experiência interna, do vínculo ao sentimento subjetivo da vontade. O pensamento mítico-mágico vê o todo da realidade como “um jogo de forças, e um entrelaçamento de efeitos e contra-efeitos: porém, essas forças são essencialmente do mesmo tipo daquelas que o ser humano vivencia e experimenta em seus instintos imediatos” (CASSIRER, 2022, p. 19) justamente porque, ao invés de se voltar para o que é objetivo, a magia vê a realidade empírica como um espaço de desejo que realiza aquilo que é do subjetivo, ou seja, a vontade do homem salta diretamente à sua meta, sem considerar as leis da natureza e o que chama de causalidade objetiva das representações.

É como se o homem mágico já se lançasse ao futuro, na medida em que, no lugar das sensações imediatas e da simples impressão das coisas, colocasse a imediatidade do desejo, pois é nesse desejo que acredita poder apreender a realidade e, principalmente, realizar seus fins. Os fins, por sua vez, são apenas representados pelas práticas mágicas, pois o desejo imediatiza o fim e não se chega a uma confrontação verdadeira entre Eu e mundo, há somente a representação desses fins pela palavra e pela imagem – as duas formas da magia, segundo o filósofo – tratando algo não-presente como algo presente.

O conjunto de práticas mágicas apenas é, em certa medida, a manifestação, [156] o desdobramento progressivo da imagem desejada que o espírito traz em si do fim a ser alcançado. A simples e cada vez mais intensa repetição desse fim já vale como o caminho que deve seguramente conduzir a ele. Desse modo surgem as duas formas da magia: a palavra mágica e a imagem mágica. Pois ambas, palavra e imagem, são maneiras pelas quais o ser humano trata algo não-presente como sendo algo presente. Nelas ele põe diante de si algo

desejado e almejado, para então, já nesse ato de “representar”, desfrutá-lo e torná-lo seu. (CASSIRER, 2022, p. 15)

A técnica, a seu modo, além da capacidade de “deixar-estar” o fim, concebe a natureza como um espaço de estrutura independente, que possui uma norma fixa, e passa a ser atrelada a determinadas regras do possível, sem perder assim a sua plasticidade. Quanto ao deixar-estar do fim, tal operação é realizada, pois, no comportamento técnico: a vontade toma o lugar do desejo e é capaz de conduzir e dominar os impulsos que se lançam adiante, isto é, os fins. Isto significa que a vontade advinda do comportamento técnico conduz ao fim, mas também é capaz de mantê-lo à distância – deixá-lo estar – ao invés de aproximá-lo por meio da representação que a palavra e a imagem mágicas realizam. Já quanto à relação com a natureza, o comportamento técnico possibilita que a realidade efetiva não seja tida como uma realidade dócil às práticas mágicas, mas sim tida como uma ordem alheia à vontade e atrelada às regras do que é possível, no sentido de um possível-objetivo que “surge agora como o limite imposto à onipotência do desejo e das fantasias afetivas” (CASSIRER, 2022, p. 17) próprias do comportamento mágico.

A ferramenta e seu uso – tendo em vista o princípio do agir e efetuar técnicos e não da simples obra técnica – se localizam “entre o primeiro direcionamento da vontade e seu fim – e, apenas nessa posição intermediária, lhe é permitido separá-los [159] um do outro e mantê-los na sua devida distância” (CASSIRER, 2022, p. 17). Surge assim um verdadeiro comportamento consciente da vontade, não mais ligado ao mero desejo pulsional, aquele em que o homem se lança ao futuro antecipando e aproximando o fim, mas sim aquele em que o humano sabe alcançá-lo ao mantê-lo à distância.

É por meio da noção de conexão causal que se sustenta as ideias de representação objetiva e de realidade efetiva como espaço com determinadas regras do possível, provenientes do comportamento técnico. O autor afirma que a causalidade deve ser vista pela técnica não como uma simples associação entre coisas semelhantes ou próximas temporalmente ou espacialmente, modo como a magia e a ciência enxergam. Longe disso, o princípio de causalidade deve seguir o sentido restrito dado por Kant em sua crítica a

causalidade humeana, qual seja, comprovar que “o que constitui o núcleo do conceito de causa não é, de modo algum, a ligação habitual, mas sim a ideia de ‘conexão necessária’ enquanto uma categoria do entendimento puro” (CASSIRER, 2022, p. 19). Ou seja, quando representamos um objeto da experiência, o conceito de causa é a condição de possibilidade do objeto da experiência enquanto condição de possibilidade da própria experiência. Trata-se de um modo de representar mais objetivo, que se afasta da subjetividade da vontade própria do mundo mágico-mítico para se lançar a um mundo de objetos.

Novamente, mobilizando tal noção de causalidade como conexão necessária, isto é, causalidade objetiva, Cassirer diferencia o aspecto de “coisa” geralmente atribuído ao âmbito técnico de seu aspecto essencial, qual seja, de seu uso e efetuar próprios, quando afirma que “esse algo ‘coisal’ e ‘efetivo’ assim determinado não subsiste por si mesmo, isoladamente, mas ele apenas é verdadeiramente efetivo no efeito que exerce sobre outro ser” (CASSIRER, 2022, p. 19).

4. COMPORTAMENTO TÉCNICO E OBJETO MATERIAL

A partir de então, podemos notar mais claramente que o comportamento técnico não é um mero objeto material, pois tem a capacidade de criar um reino de fins vendo-os à distância e compreendendo a natureza como que a descobrindo, notando suas normas fixas e sua mobilidade intrínseca e descobrindo um novo direcionamento do olhar, isto é, uma causalidade objetiva. “Não se trata, bem entendido, da técnica em seus efeitos práticos manifestos em seus aparatos e dispositivos, mas em seu sentido constitutivo de um mundo objetivo, dominável e modelável segundo a vontade humana” (FERREIRA, 2020, p. 41).

A intuição de uma determinada ferramenta – a intuição do machado, do martelo, etc. – nunca se esgota na intuição de uma coisa com propriedades particulares, um material com determinados atributos. No material é antes revelado seu uso, na “matéria” a forma de seu atuar, sua função peculiar: e ambos não se separam um do outro, mas são apreendidos e concebidos como

uma unidade indissolúvel. O objeto é determinado como algo, sempre na medida em que é determinado para algo. (CASSIRER, 2022, p. 19)

É no uso e transformação da ferramenta que o homem se vê como um soberano livre em um crescimento progressivo de sua autoconsciência, longe da névoa mágico-mítica que encobria em favor da imediatidade do desejo. Não temos aqui, por outro lado, o que se pode chamar de exteriorização pura, em outras palavras, um esforço dirigido somente para fora. Na realidade, segundo Cassirer (2022), temos diante de nós a manifestação de um voltar-se para dentro e para fora, dado que o atuar técnico torna visível o ser por diversos ângulos justamente enquanto cada forma do mundo é liberada para ele, como novas elucidações do ser interno.

Em nenhum outro lugar essa força fundamental do ser humano se revela de modo tão claro [163] como na esfera da ferramenta: o homem atua com ela apenas quando, em alguma medida e ainda que de forma tímida no início, atua sobre ela. A ferramenta não se torna para o homem apenas um meio para transformar o mundo objetivo, mas, precisamente nesse processo de transformação de objetividade, a ferramenta mesma sofre uma mudança e se desloca de lugar em lugar. E nessa mudança o homem vivencia agora um crescimento progressivo, uma potencialização peculiar de sua autoconsciência. (CASSIRER, 2022, p. 21).

5. A AUTOLIBERTAÇÃO HUMANA PARA CASSIRER

A questão que perdura é: como alcançar tal autolibertação do humano, quando o contexto da técnica moderna aponta para uma possível alienação, ao tomar a relação com a técnica como um afastamento da essência do humano? Tal problemática se coloca, pois, ao compreendermos o caráter de forma da técnica, precisamos entender qual sua relação com os valores, já que a modernidade apresenta críticas à técnica culpando-a por proporcionar um contexto em que o Eu não tem mais forças frente a um reino de objetos que se sobressaem, como que dotados de fins próprios, inerentes ao Eu.

Situações que ensejam uma visão crítica à técnica moderna são aquelas apresentadas por autores como Rathenau, Klages, Simmel e Marx, citadas por Cassirer e

descritas segundo Ferreira (2020) como, respectivamente: a técnica como elemento de um modo de produção de mercadorias cujo fim é a satisfação de desejos humanos, que levam a um círculo vicioso de produção de mercadorias e de desejo por elas (Rathenau); a técnica como um poder vampiresco que, a partir da divisão entre espírito e alma, trata-se de uma força do espírito que oprime o reino livre da alma individual (Klages); a técnica como uma forma em que o Eu cria uma ordem de coisas que ultrapassam suas forças e esfacelam o próprio Eu (Simmel); e, por fim, a técnica moderna, a partir de seu maquinário, como que dotada de um fim próprio, enquanto o homem perde sua independência e torna-se apenas um fragmento do funcionamento das máquinas (Marx).

A exposição das críticas serve de apoio para o que Cassirer propõe, posteriormente, como uma necessidade de observar o aspecto ético da técnica, utilizando-se do princípio de que a técnica, em si, não possui um fim próprio, a não ser aquele que circunda todas as formas simbólicas: a liberdade. Porém, para chegar a essa conclusão, a investigação sobre o aspecto ético da técnica não envolve os valores do prazer ou desprazer, da felicidade ou do sofrimento, da vantagem ou desvantagem, mas sim somente o da liberdade e da não liberdade, para que não foquemos na pretensão de felicidade ingênua e impulsiva, mas sim no alcance genuíno do fim pela técnica, independente do caminho.

É somente na concepção do fim que o comportamento técnico pode proporcionar, a seu modo, a potencialização da autoconsciência do ser e, conseqüentemente, a autolibertação do humano, como defende o autor. Além disso, segundo Cassirer (2021), a importância de compreender a técnica mora também no fato de que ela não se insere pacificamente entre os outros direcionamentos fundamentais do espírito, mas diferencia-se deles ameaçando impor suas normas aos outros âmbitos da cultura, o que afeta a própria constituição do mundo e da realidade efetiva pelo ser. Em outras palavras, para além de possibilitar uma comunidade da vontade realmente livre em sua relação com a

realidade e com os fins, a técnica possibilita uma certa comunidade de destinos entre aqueles que atuam em sua obra, levando-os todos para o mesmo caminho.

Ela [a técnica] não pode, por si mesma, estabelecer os fins, embora possa e deva colaborar na sua execução: ela compreende seu próprio sentido e telos quando se conforma em nunca ser um fim em si, mas em ter de se integrar a um “outro reino dos fins”, àquela autêntica e definitiva teleologia que Kant caracteriza como ético-teleológica. Nesse sentido, a “desmaterialização”, a “etificação” da técnica, figura como um problema central da nossa cultura atual. (CASSIRER, 2022, p. 37)

6. MITO, TÉCNICA E POLÍTICA: CASSIRER E O MITO DO ESTADO

Em sua última obra, “O Mito do Estado”, Cassirer acaba por unir a noção de mito e técnica devido aos acontecimentos da época em que vivia, o contexto nazista e a grande utilização de aparato técnico para as ações políticas e de guerra. O autor combina a noção de mito, política e técnica para denotar o mito político que presenciou no período nazista da Alemanha. Trata-se de uma junção de dois períodos que, como o próprio autor aponta em “Forma e Técnica” e que demonstramos no tópico 3 do presente artigo, se sucederam entre si (a magia para a técnica) como formas simbólicas diferentes uma da outra: a magia é expansão material e quantitativa da realidade efetiva, cuja causalidade se dá através da imediatização do fim pelo desejo, sem se chegar a uma confrontação verdadeira entre Eu e mundo, apenas representações desses fins pela palavra e pela imagem; a técnica, por sua vez, é um ato de criação do mundo em constante transformação e mudança de sentido, cuja causalidade se realiza quando a vontade toma o lugar do desejo e é capaz de conduzir e dominar os impulsos que se lançam adiante, isto é, os fins, mantendo-os à distância ao invés de aproximá-los por meio de representações.

O autor expõe como “estranho” e “paradoxal” o modo como os mitos políticos modernos surgem, pois neles se encontram justamente o homem mágico e o homem técnico, duas fases distintas juntas num esforço de reunir em si uma nova religião misteriosa e inteiramente irracional, propagada a partir de processos muito metódicos, quais sejam, os processos técnicos do próprio século XX, cada vez mais aperfeiçoados e

demonstrados com visibilidade no notável rearmamento de 1933 na Alemanha, anos antes da Segunda Guerra Mundial.

O homem começou como *homo magus*, mas da idade da magia passou para a idade da técnica. O *homo magus* das civilizações primitivas tornou-se um *homo faber*, artífice e artesão. Se admitirmos tal distinção histórica, os nossos mitos políticos modernos apresentam-se como coisa estranha e paradoxal. Porque o que neles encontramos é a combinação de duas atividades que parecem excluir-se uma à outra. O político moderno teve de combinar em si duas funções diferentes e mesmo incompatíveis. Tinha de ser ao mesmo tempo *homo magus* e *homo faber*. Ele é sacerdote de uma nova religião misteriosa e inteiramente irracional, mas para defender e propagar essa religião utiliza processos muito metódicos. (CASSIRER, p. 326, 1961)

Os mitos políticos são construídos pela técnica do mito. Assim como a técnica é utilizada para produzir armas, por exemplo, Cassirer demonstra que o mito também é produzido de modo técnico na modernidade. De acordo com Príncipe (2017), no nazismo, a razão técnica é colocada a serviço e dependente da irracionalidade mítica, pois o mito é instrumentalizado por meio de uma sofisticada técnica de manipulação dos espíritos, que paralisa sua autonomia e noção de responsabilidade cívico-política. Príncipe afirma que as formas simbólicas, para Cassirer, se dão em um processo de diferenciação, em que cada forma simbólica é autônoma, porém, o nazismo inverte o processo, trazendo o mito à tona (mesmo sendo umas das formas simbólicas mais arcaicas) e fazendo com que as formas simbólicas percam a autonomia entre si (mito, linguagem, arte, técnica e cosmo ético).

O mito foi sempre descrito como o resultado de uma atividade inconsciente e como um produto livre da imaginação. Mas aqui encontramos o mito feito de acordo com um plano. Os novos mitos políticos não crescem livremente; não são frutos bravios de uma imaginação exuberante. São coisas artificiais fabricadas por artesão hábeis e matreiros. Estava reservado ao século XX, à grande era da técnica, desenvolver uma nova técnica do mito. A partir de agora os mitos podem ser fabricados no mesmo sentido e de acordo com os mesmos métodos utilizados no fabrico de outras armas – as metralhadoras e os aviões. Esse é um novo fato – e um fato de crucial importância. Alterou toda a forma da nossa vida social. (CASSIRER, p.326-327, 1961).

7. CONCLUSÃO

Cassirer responde a crítica à técnica moderna lembrando-nos que a técnica não pode criar e estabelecer, por si só, o reino dos fins, mesmo que se relacione com a sua execução. Junto a isso, como já elucidado anteriormente, a técnica não é um mero objeto ou bem material, pois expande o ser tanto quantitativa quanto qualitativamente e é capaz de leva-lo ao reino dos fins de modo objetivo e a partir da conexão necessária entre causas e efeitos. Isto significa que os problemas da técnica moderna se dão, pois ela, como um efetuar, está ligada a um determinado reino de fins, mais especificamente a uma forma e formação econômicas, e se mostra mais como a manifestação dos problemas, não como a razão para existirem.

Tanto a desmaterialização, para que se note o aspecto da técnica para além de meros resultados materiais, quanto a etificação, para que pensemos sobre os valores éticos relacionados a ela, apontam para a necessidade de mobilizar um outro reino de fins, estabelecendo uma educação da vontade diferente da vigente na época.

A técnica, ela mesma, não é capaz de superar o reino dos fins em que está envolvida, mas sim pode ser colocada a serviço de outros valores éticos que a mesma ajuda a revelar, pelo comportamento técnico que lhe é próprio. Portanto, pela compreensão da técnica como um efetuar, compreendendo assim sua essência, é que podemos conter os problemas éticos manifestados pela técnica moderna e encontrar sua solução: é mobilizando outro reino dos fins, com outros valores éticos, que a técnica sairá do plano em que se encontra na modernidade para que seja capaz de realizar-se em sua força formadora e cumprir sua missão mais elevada, a autolibertação humana.

REFERÊNCIAS:

CASSIRER, E. A filosofia das formas simbólicas. Tradução de Marlon Fleischer. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Coleção Tópicos)

_____. Forma e Técnica. Tradução de Alexandre de Oliveira Ferreira. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 24, n.1. pp.1-39, jan.- dez, 2022.

_____. Form und Technik. In: Recki, B. & Berben, T. (Ed.). *Aufsätze und kleine Schriften (1927-1931)*. Cassirer Gesammelte Werke. Hamburg: Felix Meiner, 2004 [1930]. v. 17, p. 139-83

_____. O mito do estado. Tradução D. A. Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa América, 1961 [1946].

FERREIRA, A. Técnica, liberdade e vontade em Heidegger e Cassirer. *Ekstasis*, v. 9, n. 2, p. 33-55, 2020.

PRÍNCIPE, J. Cassirer pensador da técnica. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 387-408, 2017.

